

ENSINO HÍBRIDO E INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO NAS SÉRIES INICIAIS DURANTE O CENÁRIO PANDÊMICO

Henrique Miguel de Lima SILVA¹
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Henrique.miguel.91@gmail.com

Maria Zilda Medeiros da SILVA²
Universidade Federal da Paraíba- UFPB
zilda.libras@gmail.com

Soraya Nogueira Albert Loureiro ALVES³
Universidade Federal da Paraíba- UFPB.
sol.loureiro@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo discute o processo de inclusão considerando o contexto pandêmico e o cenário de ensino híbrido em uma regional de ensino do estado do Rio Grande do Norte. Buscou-se, com base em Yin (2009), a realização de um estudo de caso, bem como ancorou-se em Bacich, Tanzi Neto e Trevisani, (2015), Rodrigues (2015), Carvalho (2016), entre outros, pelas discussões sobre ensino híbrido, inclusão e formação crítica na educação básica. Além disso, foi considerada a abordagem qualitativa referente ao Ensino Híbrido, cujo cerne da discussão reside na inclusão da pessoa com deficiência nas séries iniciais no cenário pandêmico. Cotidianamente, as pessoas estão mais conectadas ao mundo tecnológico, com isto, há uma complexa interatividade entre as pessoas e as tecnologias informativas e formativas que favorecem a aprendizagem significativa, considerando a mediação crítica dos processos formativos por parte do docente. Convém destacar que, diante desse panorama, há uma enorme necessidade de aproximar a geração que se encontra nos bancos escolares e os professores para se integrarem nesse contexto. Nessa perspectiva, o professor possui constantemente uma preocupação em transmitir, da melhor forma, seus conhecimentos. Com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICS) no processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar, o professor passa a quebrar paradigmas, não utilizando apenas livros, apostilas, pilotos, quadros e registros, mas atrelando os dois tipos de metodologias, por meio do ensino híbrido.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino híbrido; Pandemia; Inclusão; Deficiência.

ABSTRACT: The present study discusses the process of inclusion considering the pandemic context and the scenario of hybrid education in a regional school of the state of Rio Grande do Norte. Based on Yin (2009), a case study was carried out, as well as anchored in Bacich, Tanzi Neto and Trevisani, (2015), Rodrigues (2015), Carvalho (2016) among others, for the discussions on hybrid teaching; inclusion and critical training in basic education. In addition, we consider the qualitative approach regarding the Hybrid Teaching, whose core of the discussion lies in the inclusion of people with

¹Pós-Doutorado em Ensino pelo PPGE/UERN. Doutorado em Linguística pelo PROLING/UFPB. Docente permanentemente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino – PGLÉ/UFPB e do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da UFPB/Campus I. Vice-líder do PROVAVE/CNPQ/UFPB.

²Mestranda em Linguística e Ensino pelo – MPLE/UFPB. Professora Efetiva e membro do PROVAVE/CNPQ/UFPB.

³Mestranda em Linguística e Ensino pelo – MPLE/UFPB. Professora Efetiva e membro do PROVAVE/CNPQ/UFPB.

disabilities in the early grades in the pandemic scenario. Everyday people are more connected to the technological world, with this, there is a complex interactivity between people and informative and formative technologies that favor meaningful learning considering the critical mediation of formative processes by the teacher. It is worth pointing out that, in face of this panorama, there is a huge need to bring together the generation that is in the school benches and teachers to integrate themselves into this context. In this perspective, the teacher is constantly concerned with transmitting knowledge in the best way possible. With the advent of new information and communication technologies (NICS) in the teaching-learning process within the school environment, the teacher starts to break paradigms, not only using books, handouts, pilots, charts and records, but linking the two types of methodologies, through hybrid teaching.

KEY WORDS: Hybrid teaching; Pandemic; Inclusion; Disability.

1 INTRODUÇÃO

No atual contexto social, o ensino híbrido passou a ser uma metodologia essencial e indispensável no dia a dia dos professores e dos demais profissionais da educação. Ressalta-se que, neste modelo metodológico, os aprendizes são inseridos no processo ensino-aprendizagem através da modalidade presencial e a distância em formato integrativo.

Destaca-se, portanto, a inerente necessidade de correlacionar os mecanismos tecnológicos recentes com as atuais demandas de ensino decorrentes do cenário pandêmico, de modo a garantir uma aprendizagem significativa e inclusiva para os discentes inseridos neste processo inédito, visto que a sociedade global não foi preparada para lidar com a pandemia, muito menos docentes receberam formação para lidar com o ensino híbrido. Culturalmente, evidencia-se que a instituição escolar sempre foi incumbida de transformar seus educandos em cidadãos pensantes, criativos e críticos e, ao remeter ao uso da tecnologia, ela também está inserida nesse contexto para atender a essa demanda.

Com o passar dos anos, a prática pedagógica vem passando por diversas alterações, umas significativas e outras não, contexto no qual o surgimento tecnológico vem quebrando diversos paradigmas existentes nesse processo educacional.

Diante dessas perspectivas, este trabalho baseia-se nas seguintes questões norteadoras: quais razões e desafios para a não implementação e utilização do ensino híbrido,

que tanto auxilia o indivíduo no desenvolvimento da formação integral? Como incluir os alunos com deficiência no ensino regular em um contexto pandêmico com aulas virtuais? Diante dessas problemáticas, propõe-se, como objetivo geral, apresentar as possíveis estratégias didáticas que podem incluir a pessoa com deficiência no processo de ensino híbrido, com o apoio do professor e de algumas ferramentas digitais. No que se refere aos objetivos específicos, elencam-se: apresentar possíveis estratégias para dar apoio aos professores na busca do incentivo do aluno com deficiência a continuar seus estudos; refletir sobre a pertinência do modelo híbrido no processo de ensino-aprendizagem; e destacar a importância do ensino híbrido para o desenvolvimento do conhecimento e para a formação integral dos educandos.

Na atualidade, percebe-se que cotidianamente as pessoas estão mais conectadas ao mundo tecnológico e, com isto, há uma complexa interatividade entre as pessoas e as tecnologias informativas e formativas que favorecem o conhecimento e o entretenimento. Diante desse panorama, há uma enorme necessidade de aproximar a geração que se encontra nos bancos escolares e os educadores para se integrarem a esse contexto da inclusão da pessoa com deficiência.

Nessa perspectiva, o professor da sala regular de ensino possui constantemente uma preocupação em construir da melhor forma seus conhecimentos junto aos alunos. Com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICS), preconizadas pelas legislações vigentes, no processo de ensino-aprendizagem, dentro do ambiente escolar, vem destacando a necessidade do professor de quebrar paradigmas, não utilizando apenas livros, apostilas, pilotos, quadros e registros, mas atrelando os dois tipos de metodologias no formato tecnológico e físico por meio do ensino híbrido.

Ressalta-se que o uso desses aparatos tecnológicos no cenário pandêmico, através do ensino híbrido, favorece o ensino crítico-reflexivo por meio de pesquisas; atividades

multimodais; pesquisas em tempo real, facilitando a comunicação entre professor e aluno na resolução de problemas, de modo não apenas presencial. Assim, justifica-se a pertinência desta pesquisa no intuito de contribuir para a reflexão sobre prática docente, esperando que as instituições de ensino possam se apropriar das metodologias híbridas, haja vista que o ensino híbrido não tem uma forma única de aprender e o professor pode utilizar uma metodologia que se adeque à realidade do aluno (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015). Assim, esse modelo de ensino poderá contribuir para uma educação efetiva e crítica em consonância com os desafios do século XXI.

As discussões, desse modo, ocorrem em relação à inserção do ensino híbrido no ensino-aprendizagem no contexto escolar, fundamentadas em teóricos que desenvolveram estudos ao longo dos anos, como Moran (2015), Santos (2015), Figueiredo, Rocha e Poulin, (2019), entre outros. Salienta-se que os resultados desta análise foram organizados em três tópicos teóricos, a saber: o primeiro apresenta uma breve discussão sobre o ensino híbrido e a sua correlação com o processo de busca; o segundo expõe a importância da pessoa com deficiência no ensino híbrido; e a terceira aborda a relevância das possibilidades didáticas no tocante às ferramentas tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem. Posteriormente, aborda-se a discussão de dados através de perspectivas consolidadas a partir do estudo realizado.

Destarte, o ensino híbrido parte do pressuposto da possibilidade da inserção da tecnologia no âmbito educacional sem deixar de lado os benefícios do ensino presencial.

2 O ENSINO HÍBRIDO: UM PROCESSO DE BUSCA

O ensino híbrido é uma ferramenta metodológica para a educação que procura desenvolver a capacidade individual de cada aluno, possibilitando diversos meios estratégicos com potencial para despertar o desejo pelo aprendizado, vislumbrando o

educando como protagonista de seu conhecimento para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Assim,

aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas com desconhecidos. Aprendemos de modo internacional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. Hoje, temos várias formas de aprender. (MORAN, 2015, p. 28).

Essas diversas formas de aprender, destacadas por Moran (2015), são introduzidas pelo professor para o aluno, objetivando trabalhar o desenvolvimento individual para a descoberta do potencial. Todavia, não se trata de um processo homogêneo, visto que cada aluno tem ritmo, formas e realidades peculiares para desenvolver o seu conhecimento.

Um modelo de proposta metodológica é a sala de aula invertida, que busca desenvolver no aluno habilidade de pensamentos críticos, possibilita ao educando possíveis domínios do assunto, através de pesquisas na *internet*, vídeos, leitura de texto e/ou informações de forma grupal. Neste sentido,

os professores fornecem instruções individualmente. [...] Em sala de aula diferenciada, os estudantes podem ser participantes ativos em sua aprendizagem. Os professores modificam a forma de ensinar por meio de estações ou aula invertida, apresentando o mesmo conteúdo para diferentes tipos de alunos, mas que ainda recebem informações de forma passiva. Quando os estudantes personalizam a sua aprendizagem, eles participam ativamente, dirigindo seu processo e escolhendo uma forma de aprender melhor. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 53).

Essa proposta de ensino híbrido propicia autonomia ao aluno, no sentido de encontrar a melhor forma de aprender, respeitando o seu ritmo e a sua realidade, deixando-o livre para se adequar às suas possíveis fontes de pesquisas. A partir dessa proposta, o aluno passa a ser o ator principal de sua história, apresentando o que deseja realizar, como pode desenvolver,

e quais as melhores formas para atender às suas necessidades no tocante ao conhecimento. Assim, o aprendiz pode construir resultados advindos de seus esforços e de suas competências e habilidades, ou seja, conquistados pela sua organização individual.

Essa organização configura-se como estratégias desenvolvidas pelo educando, visando o seu conhecimento. Nesse contexto, o professor é o orientador, é o guia que identifica as competências dos alunos, guiando-os para as temáticas que precisam ser pesquisadas para o seu desenvolvimento intelectual e social. Desta forma, Santos (2015) explica que:

É preciso persistir, adequar-se à sua nova função dentro desse espaço e encontrar os resultados de aprendizagem dos alunos. Só com os resultados práticos é que se torna possível quebrar as resistências e avançar rumo à reformulação de outros espaços dentro da escola, a fim de chegar ao ponto de toda comunidade escolar estar engajada nessa transformação. (SANTOS, 2015, p. 118).

Para que essa transformação do ensino possa ser desenvolvida de casa para escola, depende de todos que fazem parte da comunidade escolar como família, aluno, professor, gestão. É um conjunto de ações que corrobora para o sucesso do aluno enquanto ser pesquisador, curioso e persistente, voltando para o novo conhecimento que será debatido e complementado nos encontros entre professor e aluno.

Essas mudanças estratégicas, visando ao alcance do conhecimento do aluno, surgem das transformações inerentes à nova geração. São alunos que chegam com bagagem cultural de conhecimento adquirido pela própria vivência cotidiana no mundo. É uma experiência nas escolas que estão necessariamente precisando adequar-se à realidade de cada educando.

Para Santos (2015, p. 119), “o ser humano é dinâmico, e, por isso, a forma como uma criança aprende hoje não será a mesma amanhã. Além disso, deve-se levar em conta as diferentes realidades sociais e escolares do Brasil”. Santos (2015) afirma ainda que o

aprendizado muda cotidianamente no processo de ensino, por essa razão, é fundamental conhecer a realidade de cada aluno em sua vida familiar, como também ter o conhecimento do seu desenvolvimento social.

Assim, o professor poderá iniciar um trabalho com metas para que o aluno seja o protagonista de seu aprendizado. Na figura abaixo, estão as estratégias de ensino híbrido desenvolvidas por Lilian Bacich:

Figura 1 - Modelos de Ensino Híbrido



Fonte: HORN; STAKER (2015).

A imagem apresenta os modelos que podem ser desenvolvidos junto aos alunos no que se refere ao ensino híbrido. Com isso, é possível observar as várias nomenclaturas de modelos, compreendendo que “[...]as propostas de ensino híbrido organizam-se de acordo com o esquema apresentado” (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 53).

Assim, destaca-se a inerente necessidade de compreensão do ensino híbrido e das possibilidades de formação crítica, considerando os discentes com deficiência e o processo de inclusão dos mesmos em salas de aula regulares.

3 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO HÍBRIDO

O ensino híbrido é uma estratégia cuja ação pode evidenciar o potencial do aluno, o qual assume o papel de protagonista do seu conhecimento. Diante do exposto, em se tratando de pessoa com deficiência, não se pode excluir nenhum aluno, conforme garante a Lei 9394/96, que teve sua redação alterada pela Lei 12.796, de 2013, em seu artigo 4º: “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino”. A lei esclarece os tipos de deficiências que serão trabalhadas, sem exclusão de nenhuma delas. Isso significa que todos que têm deficiência têm o direito à inclusão com atendimentos prioritários no contraturno.

Diante desse direito constitucional, o professor, necessariamente por causa da COVID-19, precisa pensar em estratégias que propiciem o ensino híbrido ao aluno com deficiência, identificando nesse aluno o seu potencial. Assim:

Se professor e alunos por inúmeros fatores (inclusive alheios à sua vontade) não estiverem igualmente motivados, desejosos de aprender, de compartilhar ideias, conceitos, procedimentos e valores estarão falando idiomas diferentes entre eles, ainda que se espere que o professor seja capaz de falar vários “idiomas” para seu trabalho na diversidade. O reconhecimento, particularmente pelo professor, do idioma que utiliza para ensinar, levando o aluno a aprender, facilitará as relações intersubjetivas permitindo-lhe torná-las mais criativas, diversificadas, objetivando atender aos interesses e necessidades dos diferentes aprendizes. (CARVALHO, 2016, p. 28).

Essa diversidade de “idiomas pedagógicos” que o professor precisa adquirir é para desenvolver o ensino visando o aprendizado do aluno com deficiência de forma inclusiva, cujo objetivo é incluí-lo no meio social, trazendo-o para a vida educativa. Para isso, precisa-se falar o mesmo idioma, o professor aceitar a luta, e o aluno querer o desafio de aprender e

de ser um pesquisador de conhecimentos para a vida profissional, social e diária, com o apoio de seus pais e familiares.

Diante dessa luta e persistência com as novas metodologias que estão sendo desenvolvidas para o sucesso do aluno junto ao professor, é válido destacar os pensamentos de Moran (2015, p. 29) quando diz que “cada aluno aprende no seu próprio ritmo e de acordo com sua necessidade”. Destaca-se a palavra “necessidade” como o fator individual do ser humano, levando em consideração que o que não é bom para um pode ser bom para outro, pois cada um tem seu modo e tempo de aprender. O aluno com deficiência precisa de olhares individualizados, consideradas suas limitações e necessidades individuais.

Além disso, ao se considerar essa necessidade do aprender de forma individual, cada um em seu tempo e ritmo, destacam-se dois modelos de ensino híbrido que mais se relacionam com a realidade do aluno com deficiência, sabendo que todos os modelos sugeridos como proposta de ensino híbrido, apresentada na figura acima, podem ser trabalhados, dependendo do tipo de deficiência. Como a abordagem deste trabalho cita as diversas deficiências sem especificá-las, apresentando-as de forma geral, e sabendo que há escassez de matérias referente ao ensino híbrido *online* para a pessoa com deficiência, sobressaem-se dois modelos metodológicos que parecem dar uma maior assistência ao aluno com deficiência, independentemente das características do mesmo.

Nesse sentido, primeiro, destaca-se o modelo Flex, o qual pode ser desenvolvido pelo professor sob a forma de projeto, não organizado por série, e com objetivos que contemplem o desejo dos alunos, respeitando, dessa forma, seu ritmo individual. Funciona assim: o aluno apresenta sua necessidade contando com o apoio da família, cuja participação no processo é um dos pontos fundamentais para o desenvolvimento dele.

Assim, Paulo Freire (2001, p. 98) diz que “o grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas é discutir onde pode, como pode, com quem

pode”. Freire complementa enfatizando a necessidade do apoio da família para o desenvolvimento do aluno com deficiência na busca pelo potencial, de forma que o ritmo individual de cada aluno seja respeitado. O modelo Flex, segundo Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 58) é caracterizado da seguinte forma:

Modelo flex: os alunos também têm uma lista a ser cumprida, com ênfase no ensino on-line. O ritmo de cada estudante é personalizado, e o professor fica à disposição para esclarecer dúvidas. Esse modelo, apesar de ser considerado uma possibilidade metodológica, é tido como disruptivo e propõe uma organização de escola que não é comum no Brasil. O Projeto Âncora é um dos exemplos para esse tipo de abordagem, que se assemelha à rotação individual [...].

Esse modelo Flex permite inferir o que pode ser utilizado pelo aluno, estabelecendo a forma de rotina que ele precisa desenvolver no formato *online*, respeitando suas individualidades. Tal modelo pode ser desenvolvido para o aluno com deficiência junto aos seus familiares, no ambiente educacional com extensão para a casa dele, como também de casa para a escola.

O aluno com deficiência precisa desses pilares para o professor poder alcançar os objetivos curriculares da educação; precisa de metodologias que dê apoio às necessidades dos alunos com deficiência de forma inclusiva para, assim, poder despertar o potencial de cada um, respeitando seu tempo e ritmo.

Outro modelo que se sobressai é o virtual enriquecedor, que se configura por ser uma metodologia na qual o aluno só precisa ir à escola uma ou duas vezes por semana para trocar e buscar informação referente ao assunto desenvolvido e pesquisado em casa. É, pois, uma forma de aula invertida. Os organizadores do livro *Ensino Híbrido Personalização e tecnologia na educação* apresentam esse modelo da seguinte forma:

Modelo virtual enriquecedor: trata-se de uma experiência realizada por toda a escola, em que cada disciplina (como a de matemática, por exemplo), os alunos dividem seu tempo entre a aprendizagem on-line e presencial. Os estudantes podem se apresentar, presencialmente, na escola, apenas uma vez por semana. [...] É importante ressaltar que não há uma ordem estabelecida para aplicação e desenvolvimento desses modelos em sala de aula, tampouco uma hierarquia entre eles. Os professores utilizam essas metodologias de forma integrada, propondo uma atividade de sala de aula invertida [...]. (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015, p. 58-59).

Esse modelo virtual apresenta uma forma de valorização do aprendizado de casa para a escola e vice-versa. Os modelos apresentados se referem à importância do cunho metodológico para o aprendizado do aluno e, quando se fala em aluno, refere-se a todos que estão matriculados na escola, não especificando quais, diante desse destaque realizado pelos autores da necessidade individual apresentada pelo aluno. O foco reside, portanto, em como mediar esse conhecimento para que seja apreendido pelos alunos com deficiência, os quais se encontram inseridos no contexto escolar no formato *online*.

Sob essa ótica, Miranda (2005) menciona que o ensino pode ser desenvolvido em ambas as partes, tanto *online* como presencial. Nas palavras da autora: “o ensino híbrido é uma combinação dos recursos e dos métodos usados face a face e *online*, com a qual se procura tirar partido das vantagens de qualquer um dos dois sistemas de aprendizagem” (MIRANDA, 2005, p. 48).

4 POSSIBILIDADES DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PARA O ENSINO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS, DE FORMA INCLUSIVA, NAS SÉRIES INICIAIS

O ensino híbrido passou a ser pesquisado e executado nesta nova geração que anseia por mudanças de perspectivas para o aprendizado. A educação deixou de ser presencial por

causa do novo coronavírus (COVID-19)⁴, que deixou o mundo diante de novos desafios, todos lutando pela vida, reinventando-se para buscar a sobrevivência e, assim, a educação passou a ser repensada vislumbrando meios para o ensino chegar ao aluno de forma segura, com o objetivo de se promover a educação para todos.

A Lei 9394/96 deixa claro em seu artigo 32 que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Diante da afirmação citada pela Lei, por mais complexa que seja a realidade, é possível confirmar que a educação está assegurada pelo ensino a distância enquanto permanecer essa situação de emergência por conta da COVID-19.

Em virtude da realidade imposta pela pandemia, o ensino passou a ser a distância, nos formatos remoto e híbrido, apoiado pelas ferramentas tecnológicas. Por meio delas, o ensino pode chegar ao aluno de forma móvel da escola para casa, como também de casa para a escola, tornando o educando em um protagonista de seu conhecimento. Assim,

a aprendizagem móvel envolve o uso de tecnologias móveis, isolamento ou em combinação com a outras tecnologias de informação e comunicação (TIC), a fim de permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. A aprendizagem pode ocorrer de várias formas: as pessoas podem usar aparelhos móveis para acessar recursos educacionais, conectar-se a outras pessoas ou criar conteúdos, dentro ou fora da sala de aula. A aprendizagem móvel também abrange esforços em apoio a metas educacionais amplas, como a administração eficaz de sistemas escolares e a melhor comunicação entre escolas e famílias. (UNESCO, 2013, p. 8).

Essa estratégia, que conta com o apoio da tecnologia, tem o objetivo de colaborar para que o ensino chegue até o aluno de forma prazerosa e satisfatória, podendo ser desenvolvida de acordo com o recurso tecnológico que esteja acessível para ele. O ensino

⁴O coronavírus provoca infecções respiratórias, que variam do resfriado comum a graves doenças. O coronavírus, descoberto recentemente, causa a doença COVID-19, na sua versão atual sars-covid-19.

híbrido pode ser potencializado e incentivado tanto de forma virtual como por materiais impressos, para que sejam utilizados como fontes de pesquisas.

O ensino, com o uso da tecnologia e recursos digitais, dá suporte para o desenvolvimento avaliativo do aluno, por meio do uso de computador, *tabletes* e celular, para que a mensagem e/ou informações chegue/m de forma mais rápida ao aluno e ao professor.

Geralmente, as mensagens enviadas por aparelhos móveis são mais rápidas, confiáveis, eficientes e baratas do que por canais alternativos de comunicação. Por isso, estudantes e educadores utilizam cada vez mais, para facilitar a troca de informações. As mensagens enviadas por tecnologias móveis podem ser usadas para consultar e disseminar informações. Além disso, apresentam maior probabilidade de alcance do público-alvo do que pela disseminação por panfletos impressos. (UNESCO, 2013, p. 26).

Observa-se que o ensino por tecnologia é bem mais rápido. Essa possibilidade de ensino virtual tem suas condições financeiras e/ou limitações especiais, no entanto, em algumas situações, por falta da tecnologia, precisa-se fazer a impressão do virtual para o aluno poder ter acesso às informações. Nesse contexto, Rodrigues (2015, p. 131) explica que “por híbrido, devemos entender a mescla do virtual e físico, considerando que os recursos materiais continuam tendo seu papel no processo de ensino”.

Para o ensino híbrido baseado materiais físicos, tem-se o uso da impressora como recurso para as impressões desses materiais em papel, como também os livros didáticos que estão disponíveis na escola e que continuam fornecendo suporte aos alunos que não têm acesso às tecnologias virtuais, por suas diversas necessidades econômica, física, visual, entre outras limitações intelectuais.

Abaixo, estão ilustradas algumas ferramentas que foram debatidas em um minicurso, desenvolvido por uma das autoras, com o objetivo de fomentar ideias de trabalho para o

ensino híbrido ou remoto para o aluno com deficiência, com o apoio da família, conforme já dito, que é de fundamental importância.

Figura 2 - Recursos Tecnológicos



Fonte: Elaborado pelos autores.

O propósito dessa figura é viabilizar o conhecimento sobre o mundo virtual que está em volta de todos. As ferramentas ilustradas podem ser utilizadas para com alunos portadores de deficiências que estão sendo atendidos na escola de forma inclusiva, por meio do Atendimento Educacional Especializado – AEE, na sala de recursos multifuncionais, junto à sala de ensino regular.

Para a utilização da tecnologia nas aulas virtuais, necessariamente precisa-se realizar uma *anamnese* (conhecer um pouco da vida da criança em casa e como está seu aprendizado no formato híbrido). Essas informações serão realizadas junto à mãe ou a algum familiar responsável pelo aluno.

Uma vez definida quais as necessidades e habilidades do aluno, deve-se observar quais estratégias e recursos tecnológicos ideais que podem auxiliar para que o ensino híbrido chegue à casa do aluno e, assim, constatem-se as possibilidades de atendimento ao aluno com deficiência. Sobre esta questão,

a primeira preocupação, então, deve ser avaliar em função do planejamento. Uma vez definidas quais habilidades e capacidades se pretende desenvolver, surge a necessidade de escolher uma ferramenta que se adapte a essas intenções. Esse é, certamente, um dos pontos cruciais da noção de personalização do ensino híbrido: com a flexibilidade da tecnologia, a forma de avaliar é que deve se adequar ao aluno e ao desenvolvimento almejado, e não o inverso. (RODRIGUES, 2015, p. 130-131).

Rodrigues (2015) dá orientações na direção de que o professor precisa alcançar o aluno portador de deficiência, junto a seu familiar, para que seja descoberto o potencial do educando e para desenvolver a sua curiosidade em aprender. Nesse sentido, Mora (2013, p. 66) escreve que “a curiosidade, o que é diferente e se destaca no entorno, desperta a emoção. E, com a emoção, se abrem as janelas da atenção, foco necessário do conhecimento”. Para se ter o desejo do querer aprender, o aluno precisa se sentir bem no ambiente desejado, sendo estimulado e valorizado para o seu desenvolvimento cognitivo.

Nesse mesmo contexto de valorização dos conhecimentos do aluno, a BNCC (BRASIL, 2017, p. 9) discute a importância do conhecimento para a educação básica de forma geral, orientando que se precisa “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”.

Assim, busca-se construir um cidadão crítico e participativo de seus interesses e direitos pessoais e, nessa realidade, insere-se o direito por uma educação, nos anos iniciais, adaptada à realidade do ensino híbrido para o aluno com deficiência.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma ação realizada no município de Jacaraú, no estado da Paraíba, consolidando-se como um estudo de caso, que, segundo Santos (2007, p.

28), trata de “[...] selecionar um objeto de pesquisa restrito, com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos, cujo objetivo pode ser qualquer fato, fenômeno individual ou um de seus aspectos”.

Diante do objeto de estudo, isto é, as possíveis ferramentas digitais utilizadas no ensino para o aluno com deficiência no momento atual, buscou-se aprofundar o assunto em apoios bibliográficos e propondo uma análise qualitativa sobre os dados levantados. Ainda de acordo com Santos (2007, p. 30), “[...] os resultados da pesquisa qualitativa necessitam do tratamento, resultante do pesquisador”.

O *locus* da pesquisa consistiu em uma formação continuada para professores do ensino fundamental, no município de Jacaraú, que lecionam, de forma inclusiva, para alunos com deficiência. Os sujeitos foram 20 professores, que, na ocasião, debatiam e esclareciam o direito da pessoa com deficiência, no ambiente escolar, de modo inclusivo.

Assim, verifica-se que se deve assegurar a inclusão do aluno com deficiência em todos os momentos escolares, e, diante do momento pandêmico, para o ensino chegar à casa desse aluno, foi proposto um minicurso aos professores com sugestões que busquem apresentar possíveis estratégias facilitadoras do processo de ensino, em que se busque incentivar esse público a continuar os seus estudos.

Frente a esse debate de uma inclusão para todos, buscou-se apresentar meios que pudessem desenvolver o ensino de forma prazerosa e inclusiva em um contexto híbrido. Assim, foi realizado um debate em forma de minicurso, com 4 horas de duração; em seguida, foi aplicado um questionário pelo *google forms* com 7 perguntas referentes ao conhecimento debatido no minicurso, as quais serão discutidas na seção dos resultados.

A finalidade dessa proposta consiste em apresentar as possíveis estratégias de ensino, com foco nas ferramentas digitais, para a inclusão do aluno com deficiência, diante dessa necessidade atual do ensino ocorrer de forma híbrida. Nesse sentido, a seguir, estão

elencadas as diversas deficiências encontradas nas escolas regulares, as quais foram apresentadas aos sujeitos participantes desta pesquisa, fazendo-os refletir sobre a realidade existente em seu ambiente escolar, a partir da pergunta: como incluir, no momento atual, os alunos com deficiência em escola regular, tendo em vista o contexto pandêmico e, conseqüentemente, as aulas virtuais?

Com base na figura abaixo, foi debatida e destacada a necessidade de se buscar estratégias para o ensino chegar ao aluno com deficiência no fortalecimento do aprendizado:

Figura 3 - Escola de Hoje



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse cenário, foram discutidas as inúmeras deficiências com as quais chegam os alunos à escola e, em muitos casos, os professores não têm o conhecimento para desenvolverem uma estratégia de inclusão. Após a apresentação do minicurso, foram elaboradas algumas perguntas para os professores que sentissem interesse em responder. Tais perguntas foram analisadas na seção seguinte, objetivando conhecer a opinião dos professores referente à utilização das ferramentas digitais para os alunos que possuem deficiência, respeitando os seus limites.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, foram apresentados os resultados dos registros referentes ao questionário respondido pelos professores que participaram do minicurso. As respostas foram de livre acesso, então, o professor responderia se sentisse o desejo de participar e contribuir com este artigo. Foram obtidas devolutivas dos 20 professores e, a partir disso, foi realizada a análise das informações do questionário, que continha sete perguntas sobre a pessoa com deficiência diante do contexto do ensino híbrido no momento atual.

Quanto à primeira pergunta do questionário:

1 Qual a sua função na educação?

Foi obtido um total de 20 respostas dos professores, o que significa um resultado bastante satisfatório, tendo em vista o quantitativo significativo (contar com a participação de 100% dos integrantes da formação) para a pesquisa. É válido mencionar que as identificações dos nomes foram resguardadas, conforme orienta o Comitê de Ética em Pesquisa.

Em relação à segunda pergunta:

2 Você já ensinou a aluno(a) com deficiência?

Essa pergunta foi selecionada para elucidar a vivência do professor em relação a sua *práxis*, diante do contexto inclusivo. Foram identificados dois professores que nunca haviam lecionado para aluno com deficiência, embora estivessem participando do minicurso, demonstrando, com isso, interesse pela temática. Dezoito professores do grupo já experienciaram essa vivência e queriam se aperfeiçoar no conhecimento.

Em estudo realizado por Terra e Gomes (2013), envolvendo 60 professores das redes municipais e estaduais de uma cidade do sul de Minas Gerais, foi verificado que apesar de 51,7% da amostra relatar a participação em cursos de formação para inclusão, 84,5% da amostra se considera despreparada para o processo. Ainda de acordo com esse estudo, foi

evidenciado que uma parcela significativa dos participantes não conhecia a legislação específica para o tema. Nesse sentido,

a inclusão não depende apenas da formação de professores, mas implementa-se mais facilmente, se os professores que, diariamente, têm de organizar o ensino e a aprendizagem em função de todos os alunos, para além de estarem sensibilizados à questão da diferença, independentemente da sua etiologia, sentirem-se confiantes quanto à(s) resposta(s) que podem pôr em prática. (SILVA, 2008, p. 480).

Sobre a terceira pergunta:

3 *Quais alunos com deficiência você já ensinou?*

Dezoito professores responderam que, no desenvolvimento de sua *práxis*, lecionaram para alunos com deficiência, tentando incluí-los no contexto educacional. Além disso, foram relatadas as dificuldades por não poderem desenvolver o ensino e a aprendizagem dos alunos com deficiência por falta de algum profissional de apoio, como também por não terem o conhecimento na área. A esse respeito, Gomes, Poulin e Figueiredo (2010) pontuam que, mesmo no caso de atendimento educacional especializado, o professor deve:

[...] propor atividades que contribuam para a aprendizagem de conceitos, além de propor situações vivenciais que possibilitem esse aluno organizar o seu pensamento. Esse atendimento deve se fundamentar em situações-problema, que exijam que o aluno utilize seu raciocínio para a resolução de um determinado problema. (GOMES; POULIN; FIGUEIREDO, 2010, p. 8)

Desta forma, foi relatado que tinham o conhecimento de cada deficiência citada que já foi e/ou que está sendo incluída no ambiente educacional, como deficiência intelectual leve, moderada e profunda, surdez, paralisia, autismo, baixa visão, cegueira, síndrome de down e múltiplas deficiências. Essas foram, pois, as deficiências apresentadas pelos professores na pesquisa. Silva (2008) pontua que a inclusão não depende apenas da formação

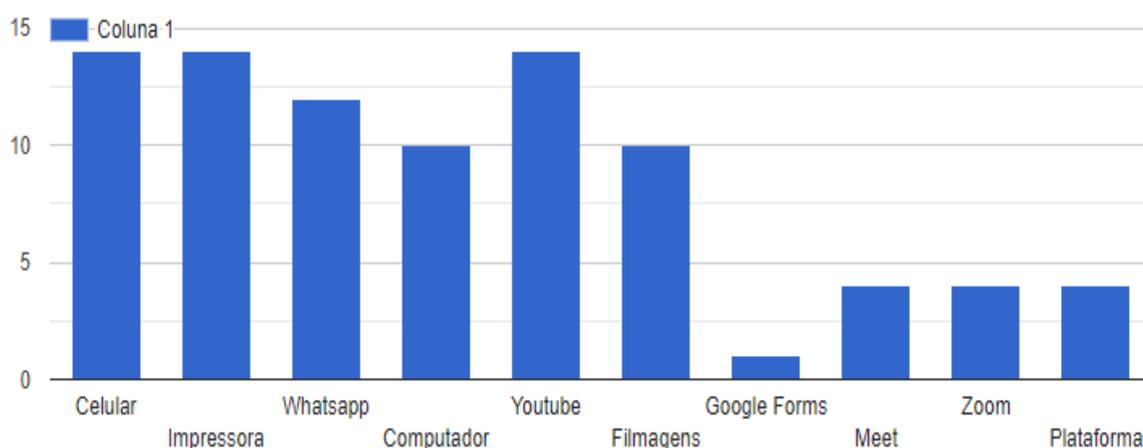
de professores, mas implementa-se mais facilmente quando os professores se sentem mais seguros quanto às respostas que podem ter em prática.

Na quarta pergunta, tem-se:

4 Qual aplicativo e/ou recursos tecnológicos você trabalhou ou trabalharia com esse aluno com deficiência?

Esta pergunta foi formulada para conhecer sobre os tipos de recursos tecnológicos que os professores já utilizaram ou utilizariam para trabalhar com o aluno com deficiência. Assim, colocou-se como amostra a própria tabela do *google forms*, na qual, foram destacadas algumas ferramentas digitais para o conhecimento de quais ferramentas tecnológicas eram utilizadas pelos professores.

Gráfico 1 - Ferramentas Digitais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nos resultados obtidos, observa-se que celular, impressora, *whatsapp*, *youtube*, computador e filmagens são os meios mais utilizados para realizar-se o incentivo à continuação aos estudos dos alunos com deficiência, atentando-se para as particularidades de cada um.

De acordo com Santos e Pequeno (2011), a *internet* é a principal ferramenta para promover o contato e a discussão da temática da inclusão entre pessoas com deficiências,

que o computador é uma das principais fontes de informação e os que não têm acesso ao mundo têm reduzidas suas oportunidades profissionais, culturais e educacionais.

Colaborando com os resultados encontrados, porém com outra ferramenta, um estudo realizado por Figueiredo, Rocha e Poulin (2019), com deficientes intelectuais, concluiu que a comunicação via *Facebook* contribuiu para o processo de inclusão digital dos sujeitos, desnaturalizando a ideologia da deficiência/normalidade, importante aspecto fomentador de escolas e sociedades acolhedoras.

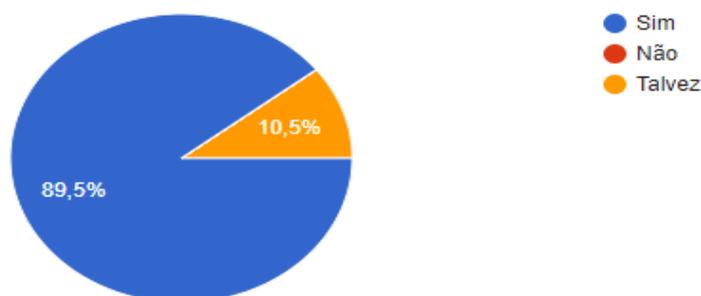
Em relação à quinta pergunta:

5 O ensino híbrido pode ser desenvolvido com esse aluno com deficiência que você apresentou?

Esse questionamento dava três opções de resposta (Sim, Não e Talvez). Segundo as informações obtidas, 19 respostas opinaram que sim, que seria possível desenvolver o incentivo ao ensino dos alunos com deficiência de forma híbrida, e uma resposta disse que talvez. Não houve nenhuma resposta negativa.

Abaixo está o gráfico resultante do *google forms*.

Gráfico 2 - Respostas sobre o Ensino Híbrido



Fonte: Elaborado pelos autores.

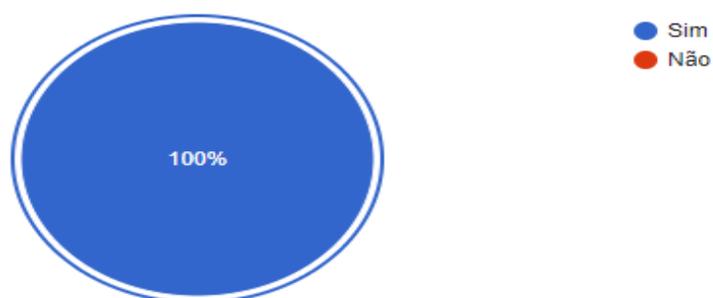
No tocante à sexta pergunta:

6 Esse minicurso te ajudou para desenvolver algumas ideias para o ensino do(a) aluno(a) com deficiência?

Essa pergunta tem como objetivo conhecer se o minicurso trouxe ideias de futuras estratégias para se trabalhar com o aluno portador de deficiência. Segundo as informações registradas pelos cursistas, é possível dizer que o minicurso apresentou pontos positivos para a prática dos professores.

Gráfico 3 - Resposta: Esse minicurso te ajudou?

20 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico confirma que os professores acharam interessante a proposta oferecida pelo minicurso, na qual intencionou-se deixar dados estratégicos para se trabalhar com os referidos alunos.

Quanto à última pergunta:

7 Você já tinha participado de algum curso voltado para o ensino híbrido que envolvesse o(a) aluno(a) com deficiência?

Segundo as informações dadas, 75% dos professores não tinham participado de nenhuma formação específica sobre o tema proposto, e 25% já tinham participado. Assim, pode-se confirmar a necessidade de ampliação de cursos referentes a esse tema.

Essas análises apresentam que, para o desenvolvimento do ensino para o aluno com deficiência, os docentes precisam necessariamente de cursos que possam ampliar seus conhecimentos na área da educação, principalmente diante de um contexto de pandemia.

Um estudo realizado por Dutra (2019) conclui que o ensino híbrido apresenta uma diversidade de métodos a serem aplicados no ensino inclusivo de alunos com deficiência auditiva, permitindo através de uma abordagem transdisciplinar uma boa reflexão sobre o contexto contemporâneo na educação. Pontua ainda que o alcance desse resultado ocorre desde que o ensino híbrido seja utilizado de maneira adequada, com devidos planejamentos, combinando com diversos recursos tecnológicos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma pesquisa desenvolvida no formato de um estudo de caso, visando contribuir para o desenvolvimento da educação. A proposta elucidou resultados positivos em relação à formação para a construção de novas estratégias de ensino, com o apoio das tecnologias digitais para o aluno com deficiência, em um contexto pandêmico.

A partir dos dados analisados, verifica-se que, por meio de formações pedagógicas, o professor passa a ter novos horizontes para o desenvolvimento do ensino e aprendizado, como nesta voltada para o aluno com deficiência. Conforme Santos e Pequeno (2011), a inclusão digital de pessoas com deficiências começa desde o início da escolarização e é possível mediante condições apropriadas, além do fato de que, nos últimos anos, as pessoas com deficiência estão assumindo sua própria voz.

Assim, é importante destacar que há uma diversidade de ferramentas que podem dar auxílio para o desenvolvimento de novas estratégias para o ensino do aluno com deficiência neste momento de pandemia, em que o ensino ocorre no formato híbrido e/ou remoto. Diante da busca para o desenvolvimento do aprendizado do aluno com deficiência, observa-se que os professores precisam de formações para poderem se atualizar, com novas pesquisas que envolvam estratégias para o uso da tecnologia virtual, que, no contexto atual, estão sendo imprescindíveis para o acesso à educação.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; TANZI NETO; A.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Pense, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 05 mar. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1. Acesso em: 05 mar. 2020.

CARVALHO, R. **Educação Inclusiva**: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2016.

DUTRA, A. O ensino híbrido: alternativa para a educação inclusiva de surdos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 6, p. e47861078, 2019.

FREIRE, P. **A pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GOMES, A. L. L. V.; POULIN, J-R.; FIGUEIREDO, R. V. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Tradução de Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Pense, 2015.

MIRANDA, L. A. V. **Educação online**: interações e estilos de aprendizagem de alunos do ensino superior numa plataforma web. 2005. 382 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2005.

MORAN, J. Educação Híbrida. In: BACICH, L.; TANZI NETO; A.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Pense, 2015.

MORA, F. **Neuroeducación**: sólo se puede aprender aquello que se ama. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

FIGUEIREDO, S. R.; ROCHA, R.; POULIN, J. Contribuição da inclusão digital na afirmação de sujeitos com deficiência intelectual. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 61, p. 809-825, abr./jun. 2019.

RODRIGUES, E. F. A avaliação e a tecnologia: a questão da verificação de aprendizagem no modelo de ensino híbrido. *In*: BACICH, L.; TANZI NETO; A.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Pense, 2015.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, L.; PEQUENO, R. Novas tecnologias e pessoas com deficiências: a informática na construção da sociedade inclusiva? *In*: SOUSA, R. P.; MIOTA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G. (org.). **Tecnologias digitais na educação** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SANTOS, G. S. Espaço de Aprendizagem. *In*: BACICH, L.; TANZI NETO; A.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Pense, 2015.

SILVA, M. O. Inclusão e Formação Docente. **Eccos Revista Científica**, v. 10, n. 2, p. 478-498, jul./dez. 2008.

Yin, R. K. **Case study research: design and methods (applied social research methods)**. Thousand Oaks. California: Sage Publications, 2009.

TERRA, R. N.; GOMES, C. G. Inclusão escolar: carências e desafios da formação e atuação profissional. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 45, p.108-124, jan./abr. 2013.

UNESCO. **Policy guidelines for mobile learning**. França: Unesco, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219641>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RECEBIDO EM: 11 de novembro de 2021
APROVADO EM: 19 de dezembro de 2021
Publicado em dezembro de 2021